

Violações da continuidade/descontinuidade da língua e o efeito em falas gagas

(Violations of the continuous and discontinuous of the speech and the effect on stuttering speeches)

Célia Regina Carneiro¹

¹Universidade Paulista (UNIP)

celiacarneiro@uol.com.br

Abstract: In this paper, we present an analysis of linguistic signals in speech manifestations that are considered as stuttering. We identify and analyze stuttered speech in order to find explanations for their effects. After doing the analysis, we were able to rethink some concepts widely used in the literature on stuttering speech, which allowed us to talk about effects on the language caused by the characteristics of this type of speech. In other words, they affect the language field which consists of continuous aspects of vowels and discontinuous aspects of consonants. Therefore, we can say that the heterogeneous and unpredictable occurrence of stuttering speech characteristics indicate that we need to review and rethink concepts, and also, it seems that this type of speech occurs because the speaker cannot control the movements used to produce speech.

Keywords: stuttering; linguistic signals; continuity and discontinuity of speech.

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma análise de marcas linguísticas presentes em acontecimentos de falas tidas como gagas, identificando e analisando trechos de fala considerados gaguejantes, visando a encontrar explicações para esses efeitos da gagueira. Dessa análise, resultou a resignificação de conceitos amplamente utilizados na literatura corrente sobre a gagueira, possibilitando-nos falar de efeitos que afetam o contínuo e descontínuo da fala, ou seja, afetam o campo da língua constituída pelo contínuo das vogais e descontínuo das consoantes. Assim é que podemos dizer que a heterogeneidade e imprevisibilidade de ocorrência de sinais linguísticos gaguejantes apontam para a necessidade de revisar e resignificar conceitos e, ainda, indicam a não possibilidade de controle pelo falante, revelando movimentos da língua a sua revelia.

Palavras-chave: gagueira; sinais linguísticos; continuidade e descontinuidade da fala.

Introdução: a fundamentação teórica, os objetivos, os sujeitos e a metodologia

Este trabalho parte da afirmação de que a gagueira deva ser entendida como efeito da tensão entre o reconhecimento e o estranhamento dos movimentos da língua em uma fala.¹ Em outras palavras, e mais especificamente relacionado ao título deste artigo, podemos dizer que sinais linguísticos presentes em uma fala e que afetam/ violam o campo da língua constituída pelo contínuo das vogais – V – e descontínuo das consoantes – C – levam ao estranhamento, e imprimem maior efeito àquelas falas reconhecidas como gagas, tanto para o sujeito gago como para o outro, seu interlocutor, que não reconhecem os movimentos da língua naquela fala.

¹ Esta afirmação advém de outro trabalho (CARNEIRO, 2009) em que várias manifestações de falas tidas como gagas foram analisadas e vários conceitos envolvidos nas discussões sobre a gagueira foram resignificados.

Quando percorremos a literatura sobre a gagueira, vemos que ela se define por sinais linguísticos presentes em uma fala e agrupados sob os títulos de dificuldades, distúrbios ou rupturas que perturbam a fluidez verbal, como se pode ler em definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), publicado pelo DataSUS, órgão do Ministério da Saúde/Brasil, CID 10 – Código Internacional de Doenças ou Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionais – de acordo com a qual a gagueira é uma doença caracterizada por sinais linguísticos, como repetições ou prolongamentos frequentes de sons, de sílabas ou de palavras, ou por hesitações ou pausas frequentes que perturbam a fluência verbal. Essa é uma definição aceita e partilhada por fonoaudiólogos como, para citar alguns, Bohnen (2002), Britto Pereira (2002), Chaves (2002).

Essa definição é aceita sem que os conceitos nela envolvidos sejam suficientemente problematizados ou compreendidos, como revelou Scarpa, em trabalho de 1995, ampliado em 2006, trabalhos que se tornaram referência sobre o assunto e em que a autora demonstra a circularidade em uma definição onde é fluente o que não é disfluente e é disfluente se não há fluência. Para ela, uma definição que não permite identificar se se trata de uma fala “interpretada” como fluente, por um ouvinte leigo, ou se se refere à fala intrinsecamente fluente. Levando-a a concluir que a fluência é uma abstração metodológica, um ideal de fala de um falante/ ouvinte também ideal. Isso porque, sob o rótulo das disfluências de fala que caracterizariam a gagueira, estão os fenômenos linguísticos como repetições, falsos inícios, bloqueios, prolongamentos, pausas silenciosas ou preenchidas e outros que estão presentes em uma fala gaga e em uma fala não gaga. Ou seja, gagueira é um rótulo dado para falas identificadas como patológicas por apresentarem sinais linguísticos que também estão presentes em uma fala não patológica. No entanto, e é importante ressaltar, os mesmos sinais linguísticos na fala do gago provocam um efeito no interlocutor e no próprio gago diferente do efeito que provocam quando na fala do não gago (SCARPA; CARNEIRO, 2007).

Além disso, análises de falas gagas revelam heterogeneidade dos sinais linguísticos e imprevisibilidade de ocorrência indiciando uma relação não estática do sujeito com a própria fala, com a língua e com o outro, como apontado por Pisaneschi (2001) e, posteriormente, verificado por Carneiro (2009).

A partir das considerações de Scarpa expostas acima e de nossa filiação ao Interacionismo de C. Lemos (1992, 2002, 2006 entre outros), ao dizer que há língua e ela opera em toda e qualquer manifestação da linguagem, sendo o sujeito lugar de funcionamento linguístico-discursivo, o que significa dizer que ele está submetido à língua, foi que assumimos a necessidade de tomar a gagueira como questão linguística e definimos como nosso objetivo analisar manifestações de falas diagnosticadas como falas gagas dessa perspectiva, linguística. Nesse sentido, este trabalho se diferencia de muitos outros sobre o mesmo tema que abandonam os sinais linguísticos presentes na fala gaga, para abordarem a gagueira de perspectivas bio-psico-sociais.² Exceção se faz aos trabalhos de Pisaneschi (2001), Britto Pereira (2003), Merlo (2006) e Carneiro (2009), sobre os quais faremos referência em vários pontos deste artigo.

Para atender ao nosso objetivo, conforme dito acima, buscamos em manifestações de falas tidas como gagas: (i) identificar os trechos de fala que apresentam os sinais

² Ver, a esse respeito, Pisaneschi (2001) e Carneiro (2009).

linguísticos considerados como responsáveis por ser essa uma fala gaga; e (ii) analisar esses trechos de fala identificados buscando explicações para seu efeito de estranhamento.

Para (i) fizemos uso das definições de Merlo (2006) e de Britto Pereira (2003) para conceitos como repetições, bloqueios, pausas, prolongamentos, como veremos nos episódios de fala aqui apresentados. Esses sinais linguísticos são aqueles utilizados para as avaliações de falas gagas em clínica, bem como para medir o grau de severidade da gagueira, como é possível ver em, por exemplo, Andrade (1999), Britto Pereira (2003) e nos vários trabalhos publicados em Meira (2002). Desses trechos interpretáveis como gaguejantes, nos deteremos naqueles em que identificamos violações da continuidade/descontinuidade da língua em uma fala, conforme o título deste estudo, atendendo ao objetivo (ii).

Os episódios de fala analisados são de crianças que tiveram suas falas gravadas em encontros com interlocutores adultos³ no Ambulatório dos Transtornos da Fluência da Faculdade de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Essas gravações foram colhidas digitalmente e transcritas ortograficamente por Carneiro e, também, por Scarpa (como se encontra em CARNEIRO, 2009). Notações específicas ou retiradas do IPA foram utilizadas quando a escrita ortográfica não se mostrou adequada ou quando pretendemos destacar algum fragmento gaguejante. Faremos referência, também para fins ilustrativos, das transcrições e análises disponíveis em Britto Pereira (2003, p. 211-242).

As notações utilizadas nas transcrições que ilustram nossa análise são:

- / pausa de duração pequena ou média;
- // pausa mais longa, com respiração;
- ? oclusiva glotal;
- : indica prolongamento de curta e média duração do som que o antecede;
- :: indica prolongamento de maior duração do som que o antecede;
- ^ indica bloqueio;
- pausa tensa;
- (SI) indica trecho de gravação incompreensível ou inaudível para a transcrição;
- k* símbolo do alfabeto fonético internacional (IPA) para indicar a produção de uma oclusiva palatal surda. Utilizado principalmente em casos de repetição do fone, pois esse símbolo nos parece mais adequado do que a utilização de “qu” de nosso sistema de escrita alfabético;
- S* símbolo do alfabeto fonético internacional (IPA) para indicar a produção de uma fricativa palatal surda. Utilizado quando a escrita ortográfica não se mostra adequada e pretendemos destacar algum fragmento de fala gaguejante.

³ Essas gravações foram gentilmente cedidas pela coordenação do curso de Fonoaudiologia dessa universidade, a Prof. Dra Leila Nagib, a quem expressamos nossos agradecimentos.

Violações da continuidade: oclusão glotal e bloqueio

Iniciamos com este excerto da transcrição da fala de uma criança, aqui identificada por J., em um diálogo com E., seu entrevistador:⁴

- (1)
1. **J:** *Tem é:: // árvores // penppneu / tem tênis tem meia tem é:: // short / brusa / e a corda.*
 2. **E:** E a corda? E o que que e o que que o menino tá fazendo?
 3. **J:** *Ele tá se balançando.*
 4. **E:** Tá se balançando? E qual é o lugar que parece ser assim? Aonde o menino tá.
 5. **J:** *Na / no Amazonas?*
 6. **E:** Na Amazônia? Pode ser. Descreveu tudo que tem aí prá mim?
 7. **J:** *Humhum.*
 8. **E:** Agora me conta uma história, então. Só fala um pouquinho mais alto prá eu ouvir sua voz.
 9. **J:** *Era ?uma vez / um menina cha'm?a cha'm?a:do Gabriel aí foi ?ele tava lá naa:/ na / ?am?am?amAmazonas / de visita. Aí foi ele ^S^se ^Sse se perdeu / se perdeu / (SI) ele é: / fi ficou muito triste / (SI) de tigre / de leão / de macaco. Aí foi ele é:: / achou ?um / um baa:ba / ^balanço que ele aa: / fi ficou feliz / para sempre.*
 10. **E:** Ficou feliz para sempre? E o que que ele foi fazer lá na Amazônia?
 11. **J:** *Foi é / vi visitá a Amazonas.*
 12. **E:** E ele foi sozinho?
 13. **J:** *Não. Foi com a mãe e o pai.*
 14. **E:** Ah, é?
 15. **J:** *De turista.*
 16. **E:** De turismo? Ele estava de férias lá?
 17. **J:** *Tava.*
 18. **E:** Tava? E o que mais, será que ele gostou de se balançar?
 19. **J:** *Ahn, ahn..*
 20. **E:** Gostou? Qual foi a sensação que ele teve?
 21. **J:** *De tá voando.*
 22. **E:** De tá voando?
 23. **J:** *Igual um avião.*
 24. **E:** É? E ele ficou feliz com isso?
 25. **J:** *Ficou.*
- (CARNEIRO, 2009, p. 180)

Trouxemos esse episódio, pois, apesar de ser um pequeno trecho da gravação com essa criança, já nos permite ilustrar, em um mesmo acontecimento de fala, trechos de fala sem episódios gaguejantes coocorrendo com trechos gaguejantes. Em Carneiro (2009), foi observado que os trechos gaguejantes predominam naqueles momentos em que a criança deve sustentar sua fala sozinha. Esses momentos são aqueles em que o interlocutor está presente com seu silêncio – um silêncio que tem escuta.

⁴ Os nomes e quaisquer dados que pudessem identificar as crianças ou seus entrevistadores foram substituídos atendendo às exigências éticas para pesquisas com seres humanos. O projeto de pesquisa original foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética (CE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), conforme parecer 063/2006 (CARNEIRO, 2009).

Observamos ainda uma mesma sequência “*ai foi ?ele*” produzida com inserção de uma oclusiva glotal retornando em outro lugar sem a oclusiva glotal “*ai foi ele*” (ambas em 9.J).

Além disso, esse trecho permite-nos ilustrar, também, a heterogeneidade dos sinais linguísticos presentes em uma fala gaga,⁵ pois nele observamos prolongamento, bloqueio, repetição e oclusão glotal, que, em nossa hipótese, representam violações da continuidade/descontinuidade da língua, como discutiremos a seguir.

Para tratar do tema em discussão, vamos nos ater ao trecho em destaque e, desse trecho de fala, vamos nos deter especificamente na presença da oclusiva glotal - *ʔ* - (fala de J. em 9. acima).

Enquanto conceito da Linguística, a oclusiva glotal não é fonema da língua portuguesa e enquanto fone aparece em lugares específicos, com função chamada de “emotiva” pela Linguística, presente, por exemplo, em interjeições.

É interessante ressaltar que, com exceção de Britto Pereira (2003), em geral, os autores não fazem menção à presença de uma oclusiva glotal no relato de casos de pacientes gagos, como pode ser visto nos quatorze diferentes estudos apresentados em Meira (2002). O que encontramos, nesses estudos, foram referências a repetições, prolongamentos, pausas, caracterizando falas gagas, e menções a bloqueios em sílabas ou palavras iniciadas com vogais (KESKE-SOARES; BAGETTI, 2002, p. 143; MERLO, 2006, p. 217). Já, em Carneiro (2009), a oclusiva glotal foi verificada na fala analisada de quatro crianças e de um dos adultos.

Britto Pereira (2003) também faz referência à oclusão glotal na fala de seus, como chamados por ela, informantes. Essa autora faz distinção entre bloqueio, pausa tensa e oclusão glotal. Para ela, enquanto o bloqueio é caracterizado pela oclusão no conduto vocal antecedendo uma vogal ou fricativa, elevando a intensidade no início do fone seguinte, a pausa tensa caracteriza-se por oclusão no conduto vocal sem alteração da intensidade do fone seguinte.⁶ Em seu estudo, a autora considerou oclusão glotal quando esta substituiu um fone, em geral, [p], [t], [k], [b], [d], [m], [n] e [l] ou quando se inseriu na cadeia de fala, em geral, depois de uma oclusiva (BRITTO PEREIRA, 2003 p. 84-85). Nessa referência já temos violações da língua: 1. em português, a oclusiva glotal não é variante de nenhum dos fones citados, não podendo, portanto, substituí-los sem que isso cause estranhamento para os falantes da língua; 2. a inserção de uma oclusiva glotal depois de outra oclusiva significa tanto uma alteração da estrutura de uma sílaba já constituída – de CV para CCV – como também significa uma violação da língua, pois, no português, em sílabas de ataque complexo a segunda consoante é sempre uma líquida, ilustrando, assim, uma violação da continuidade. Em (2), trazemos a transcrição do “Falante 8 – A.E.A.”, retirado de Britto Pereira (2003, p. 220):

⁵ O leitor poderá ter acesso à transcrição de todo esse acontecimento de fala em Carneiro (2009). Nesse mesmo trabalho, encontrará acontecimentos de falas de outras crianças com mais ilustrações da heterogeneidade dos sinais linguísticos presentes em um mesmo acontecimento de fala com um mesmo sujeito.

⁶ A pausa tensa, conforme definição de Britto Pereira (2003, p. 84), seria, em nossa classificação, evidência de violação da continuidade no fluxo da fala. Foge, porém, do escopo deste trabalho, a consideração dessa disfluência típica da gagueira.

- (2) “Hum o meu *ʔoʔe* é A: *ʔei*, *iʔade* é hum treze anos eu tenho só uma irmã e é: é: é:, meu p:ai *ch^chaʔa*: Geraldo e a hum: e a: minha m:... minha mãe Vera. *Esʔola* é: hum hum *hum ʔoa*, *chamma*: *Erʔesʔo*... // Sétima série eu tô. // Gosto. //Tenho. // *Ah ʔos* hum professores [fecha os olhos]. // *Ahan*. // *Ah* por enquanto não.//*Ainda* não. // *Ah* é boa. // *Ah eu esʔuʔo* só. // *Ah*, *ah* [fecha os olhos] *jog:ar bola*. // *Jogo*. // *Ahan*// *Ah* eu eu [fecha os olhos] *tenho aula*. // *Ah*.”⁷

Segundo padrões silábicos do português, uma oclusiva glotal e uma vogal ou uma oclusiva glotal se inserindo entre duas vogais tomariam a posição de uma consoante plosiva, fricativa ou líquida, constituindo teoricamente uma nova sílaba; sílabas são unidades rítmicas básicas, fragmentos da língua formados sempre de núcleo, que por definição é um contínuo – a Vogal / voz – que pode ou não estar acompanhado de um descontínuo, que forma o ataque ou a coda – a consoante ou outro som assilábico (semivogais, por exemplo).

A inserção da oclusiva glotal constituindo uma sílaba, estranha para os falantes da língua, imprime, assim, efeito de descontinuidade onde teríamos continuidade na fala, causando estranhamento para o interlocutor e para o próprio gago à escuta da própria fala.

Em *J.*, acima, há inserção da oclusiva glotal entre vogais, imprimindo, a partir do que dissemos acima, descontinuidade onde teríamos uma continuidade. Assim é em:

- “*Era ʔuma vez*”;
 “*foi ʔele*”;
 “*na / ʔa*”;
 “*achou ʔum*”.

A inserção de uma oclusiva glotal entre duas vogais, constituindo nova sílaba e, assim, violando a continuidade, também pode ser observada neste excerto da manifestação de fala de outra criança aqui denominada por *Ga*, retirado de Carneiro (2009), nos trechos em destaque:

- (3) 1. *Ga*: *É um...é* três crianças / *ʔé* foram ao circo/ *aí / éam/ elas ʔé* viram *um ʔé ʔé* palhaço *ei ʔeiʔei* fazendo *éyé* acobracias *é: m: // i:i:m // esse ʔé ʔé* ficaram *mu m:uito* alegres *é e* elas *ééique* queriam *ser é pa[x]* *é* palhaços.
 2. *E*: *É mesmo? Mas o que é que essas crianças viram no circo?*
 3. *Ga*: *ʔo ʔé* palhaços e *é a:* essa *bu ʔ aʔé* acobracias!

Assim como constatado por Britto Pereira (2003), em *J.*, acima, observamos também inserção de oclusiva glotal em sílabas do tipo CV, alterando a estrutura silábica já constituída – de CV para CCV, ou de ataque simples para ataque complexo –, como em “*cha'mʔa cha'mʔa:do*”; “*amʔamʔamAmazonas*”(cf. 9.J.).

Os casos de ataque ramificado previstos pelo português, como já dissemos, são preenchidos por consoantes plosivas ou fricativas labiais, como primeiras consoantes, e por consoantes líquidas, como segundas consoantes. Não acontecem com nasais e consoantes glotalizadas. Em outras palavras, a estrutura silábica constituída na fala dessa criança do tipo CCV, sendo a primeira uma consoante nasal e a segunda uma consoante glotal, constitui uma violação do padrão silábico do português.

No caso específico de “*cha'mʔa cha'mʔa:do*”; “*amʔamʔamAmazonas*”, a consoante [m] possui características de consoante momentânea, com obstrução do conduto

⁷ Para uniformização das informações prestadas neste trabalho, foram feitas adaptações das notações utilizadas.

vocal, e de consoante contínua com escoamento pelo conduto vocal. A oclusão glotal interrompe o fluxo da voz, imprimindo efeito de descontinuidade onde teríamos continuidade. Ou seja, há uma violação da continuidade.

A inserção da oclusiva glotal entre duas vogais, ou entre uma vogal e uma consoante, em lugares, portanto, imprevisíveis e com efeitos também imprevisíveis, é estranha aos falantes da língua, que ficam na tensão entre o reconhecimento e o estranhamento da língua.

Vejamos, agora, os bloqueios como violações da continuidade e, para tanto, trazemos este pequeno trecho da fala de M., uma fala tida como gaga, que tem o bloqueio como seu sinal linguístico mais marcante:

(4) E. pede para M. contar uma história.

*M: Era uma? / era uma?mavez / um menino / **^k^kele** / **^kuando** ele **^S::e^gava** da / da: **daes^kola** / ele adorava / ir no / no balanço dele / **^ke o pai dele** / fez prá ele era perto de casa. Ai / ele / **ai ^tava** na escola / a mãe dele pediu po / os empregados ir buscar ele de carro porque a mãe dele era rica. Ai / ai foi lá buscou ele / ai ele trocou de roupa pos / o sapatinho / a blusa. Ai / ai ele falou “Mãe, eu vou no: balanço / brincar / um pouquinho.” Ai a mãe falou “Vai e[aspirado] e volta / **^keu vou** / eu vou / eu vou fazer prá você um sanduiche.” Ai ele brincou / brincou / alegre / sorrindo. Brincou. Ai ele **foi ^prá** casa todo sujo porque ele caiu. Ai a mãe dele **fe ^tomá** um banho. Tomou / quente / porque ele não gostava de gelado. Ai / **^tomou** banho. Ai // **^tomou** banho. Ai depois / **^k^komeu** o sanduiche que a mãe dele fez. Ai ai nisso ele dormiu. Ai foi prá escola de novo. E ficou feliz.*

(CARNEIRO, 2009, p. 182)

O bloqueio, também chamado na literatura fonoaudiológica de “posição articulatória fixa”, ocorre quando para a produção de um som os articuladores são posicionados, mas sua realização demora a acontecer e, quando ocorre, se dá com excesso de força muscular, visíveis, muitas vezes, quando estão acompanhados de mímicas faciais ou outros movimentos corporais. Distingue-se do prolongamento, como veremos abaixo, pois ocorre antes da produção do som. Raramente se manifestam em falas não gagas, sendo, por conta disso, considerados disfluências atípicas, ou seja, aquelas que não se enquadram nas chamadas disfluências constitutivas da fala (BRITTO PEREIRA, 2003; MERLO, 2006). De acordo com Merlo (2006), acontecem, em geral, com palavras iniciadas por consoantes oclusivas ou vogais. Assim como Merlo, tanto na fala de J., em “**^S^se ^Sse se perdeu**” e “**^balanço**”, como na fala de M., nos trechos em negrito, os bloqueios antecedem consoantes fricativas ou oclusivas.

Britto Pereira (2003), por outro lado, observou bloqueios antecedendo uma vogal nasal ou oral ou uma fricativa, provocando um aumento na intensidade do fone que o segue percebido auditivamente, porém não constatado acusticamente (2006, p. 84).

Em português brasileiro a saliência de uma sílaba tônica provém, em geral, de sua maior duração. A ênfase na sílaba tônica aumenta, assim, o efeito acústico da duração (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 1998; MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2001). Desse modo, podemos dizer que a demora na produção de um som e o excesso da força muscular imprime efeito de tonicidade em uma sílaba átona e maior efeito de tonicidade em uma sílaba já tônica, como se vê em:

- ✓ em sílabas átonas:

[^]S::e[^]gava da

[^]tomou

[^]k[^]komeu

- ✓ em sílabas tônicas:

“[^]k[^]kele / [^]kuando ele

[^]S::e[^]gava da / da: daes[^]kola / “

“aí [^]tava na escola”

Quando o bloqueio ocorre na consoante que segue uma vogal, o efeito final é de neutralização entre o efeito do contínuo das vogais anteriores e o descontínuo da consoante que inicia a sílaba.

Violações da descontinuidade: prolongamentos

Merlo (2006) e Britto Pereira (2003) denominam ‘prolongamentos’ quando, durante a produção de um som, ocorre um aumento em sua duração, podendo ocorrer com qualquer consoante ou vogal. De acordo com Britto Pereira (2003, pág. 83), “os gagos costumam apresentar durações anormais nos segmentos de suas falas, mas a especificação da medida que vai determinar um prolongamento, na gagueira, ainda não foi estipulada”.

Merlo (2006) distingue os prolongamentos hesitativos, ou marcas de hesitação, dos prolongamentos fluentes, reformuladores ou não hesitativos. Os primeiros não marcam “proeminência ou fronteiras de grupos acentuais” (MERLO, 2006, p. 213), como os outros, e são característicos de falas gagas (Tabela 2, p. 29), principalmente quando ocorrem no início ou interior de palavras, podendo, assim, auxiliar na distinção entre falas gagas e não gagas (p. 14), apesar de estarem presentes também em falas não gagas.

Na fala de *J.* acima, encontramos prolongamentos, por exemplo, em “*cha`m?á:do*”, “*baa:ba*” (em 9.J). Bem mais ilustrativo é a fala extraída de Britto Pereira (2003, p. 211) do, denominado por ela, “Falante 1 – M.G.S.” que, na avaliação dessa autora, apresenta uma gagueira severa (p. 210):

- (5) *Eu m:e ch:amo M:ar:ia das Graças, tenh:o cinq:uent:a e d:ois na:os é sou é irm:ã de m:ais nove irm:aos, m:eus p:ais já são fal:ecid:os, p:apai [^]ie há sete an:os e m:am:ãe [^]ni há t:rês na:os é: p:erdi m:eu[^]o: m:a—rido há oito na:os e tenh:o um filho de vinte e t:rês na:os, é hoje eu sou ap:osentad:a, isso já há sete na:os m:as era p:rofessora de m:atem:ática é: eu[^]o: g:ostava m:uito do m:m:eu t:rab:alh:o m:as achei m:uit:o bom, ót:imo t:er ap:o--s:entad:a ap:osentad:o, ap:esar ou n:em digo ap:e[^]sar, porque g:osto disso é hoje eu t:rabalh:o b:astante m:as m:as eu g:osto de t:udo q:eu faço, sinto o tempo p:assar m:uito dep:ressa e não d:á tempo de f:azer tudo que p:lan:ejo que p:enso é atualm:ente eu [^]o t:enh:o v:ontade, tenh:o p:lan:os de f:azer t:anta c:oisa m:as é b:om.*

O aumento na duração de um som, para nós, representa uma violação da descontinuidade em uma língua constituída pelo contínuo das vogais e descontínuo das consoantes. Ao imprimir maior duração do que o esperado pelos falantes da língua, em um som momentâneo, como as consoantes oclusivas e vibrantes, imprime características de som contínuo, como em: segunda sílaba de “*M:ar:ia*”, “*cinq:uent:a*”, “*d:ois*”, “*p:apai*”,

“t:rês”, “p:erdi”, “ap:osentad:a”, “p:rofessora”, “g:ostava”, “ót:imo”, “t:er”, “ap:esar”, “t:udo”, “q:eu”, “g:osto”, “t:rab:alh:o”, “p:assar”, “dep:ressa”, “d:á”, “p:lan:ejo”, “p:enso”, “t:enh:o”, “t:anta”, “c:oisa”, “b:om” e na primeira sílaba de “p:lan:ejo” e “p:lan:os”.

Por outro lado, o prolongamento imprime saliência àqueles sons que, apesar de consonantais, já possuem o traço de contínuos, como as fricativas, as líquidas, as nasais e, ainda maior saliência à continuidade característica das vogais, constituindo, assim, uma violação da descontinuidade da língua. Assim é em: “m:e”, “ch:amo”, primeira sílaba de “M:ar:ia”, “tenh:o”, “na:os”, “irm:ã”, “m:ais”, “irm:ãos”, “m:eus”, segunda sílaba de “fal:ecid:os”, “an:os”, “m:am:ãe”, “na:os é:”, “m:eu^o: m:a—rido”, “na:os”, “tenh:o”, “na:os”, “na:os”, “m:as”, “m:atem.ática”, “é: eu^o:”, “m:m:eu”, terceira sílaba de “t:rab:alh:o”, “m:as”, primeira sílaba de “m:uit:o”, “n:em”, última sílaba de “t:rabalh:o”, “m:as”, “m:as”, “m:uito”, “f:azer”, segunda sílaba de “p:lan:ejo”, “atualm:ente”, segunda sílaba de “t:enh:o”, “v:ontade”, “tenh:o”, segunda sílaba de “p:lan:os”, “f:azer” e “m:as”.

Conclusão

No presente trabalho, através das análises de episódios de falas gagas, os bloqueios, prolongamentos e a presença de sons estranhos à língua como oclusivas glotais, em lugares não esperados pelos falantes da língua, foram interpretados como violações da língua constituída pela continuidade das vogais e descontinuidade das consoantes, conforme apresentamos resumidamente no quadro abaixo:

Quadro 1. Resumo das violações da continuidade/ descontinuidade

VIOLAÇÕES DA CONTINUIDADE (descontinuidade em vez de continuidade)	VIOLAÇÕES DA DESCONTINUIDADE (continuidade em vez de descontinuidade)
<p>1) Oclusão glotal: inserção de oclusiva glotal, que não é fonema da língua portuguesa, em sílabas já constituídas, alterando a estrutura silábica</p> <p>V → ?V V_V → V?V CV → C?V</p> <p>2) Bloqueio: quando para a produção de um som os articuladores são posicionados, mas sua realização demora a acontecer e, quando ocorre, se dá com excesso de força muscular, imprimindo aumento na intensidade do fone quando, finalmente, é produzido, como é percebido auditivamente.</p>	<p>1) Prolongamentos: quando há aumento na duração durante a produção de um fone, imprimindo traço de contínuo a um fone não contínuo e imprimindo maior saliência à continuidade de sons que já possuem esse traço.</p>

Afetar a oposição contínuo/descontínuo é afetar o campo da lei, da língua constituída pela continuidade das vogais e descontinuidade das consoantes, e tem efeito de disfluência/gagueira.

Salientamos que esses sinais linguísticos também ocorrem na fala do não gago, talvez não com a mesma frequência pelo menos em um mesmo episódio de fala. No entanto,

acreditamos que, por constituírem violações da língua, a maior frequência em uma fala pode contribuir para reforçar o efeito de estranhamento que leva ao diagnóstico da gagueira.

Desse modo, retomamos a afirmação feita no início, qual seja a de que o efeito dos sinais linguísticos que caracterizam uma fala gaga resulta da tensão entre o reconhecimento e o estranhamento revelados pela escuta da própria fala ou pela escuta dos movimentos da língua em uma fala, movimentos que não podem ser impedidos ou controlados pelo falante, pois, se pudesse, não gaguejaria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C.R.F. de. *Programa Fonoaudiológico de Promoção da Fluência para Adultos: Aplicações Diferenciadas*. 1999. Tese. (Livre-Docência em Fonoaudiologia) – FMUSP, São Paulo.

BOHNEN, A. J. Fatores de risco para o surgimento da gagueira: um estudo de caso dos dois anos e três meses aos doze anos e quatro meses. In: MEIRA, I. (Org.) *Tratando Gagueira*. Diferentes abordagens. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 2, p. 25-40.

BRITTO PEREIRA, M. M. de. A gagueira infantil como resultado da interação dos fatores sociais e emocionais. In: MEIRA, I. (Org.) *Tratando Gagueira*. Diferentes abordagens. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 3. p. 41-52.

_____. *Análise Linguística da Gagueira*. São Paulo: AM3 Artes, 2003.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. Quantidade e Duração Silábicas em Português do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. esp., p.47-59, 1998.

CARNEIRO, C. R. *Dos efeitos de gagueira*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas.

CHAVES, T. A. À procura de um novo olhar sobre a gagueira. In: MEIRA, I. (Org.) *Tratando Gagueira*. Diferentes abordagens. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 4, p. 53-63.

KESKE-SOARES, M.; BAGETTI, T. Gagueira moderadamente severa: relato de caso na área dos distúrbios de fluência da fala. In: MEIRA, I. (Org.) *Tratando gagueira*. Diferentes abordagens. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 10. p. 137-150.

LEMO, C.T.G. de. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, Barcelona, Meldar, v. I, n. 1, p. 121-135, 1992.

_____. Sobre fragmentos e holófrases. In: COLÓQUIO DO LEPSI, III, 2002, São Paulo. Psicanálise-Infância-Educação. *Anais...* São Paulo: USP, 2002. p. 45-52.

_____. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na aquisição de linguagem. In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (Orgs.) *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: EDUC, 2006. v. 1. p. 21-32.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1. p. 105-146.

MEIRA, I. (Org.) *Tratando Gagueira*. Diferentes abordagens. São Paulo: Cortez, 2002.

MERLO, S. *Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais*. 218 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PISANESCHI, E. *Gagueira: disfluência sintomática*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) - LAEL/PUC-SP, São Paulo.

SCARPA, E. Sobre o sujeito fluente. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: UNICAMP, v. 29, p. 163-184, 1995.

_____. (Ainda) sobre o sujeito fluente. In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (Orgs.). *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: EDUC, 2006. v. 1. p. 161-180.

SCARPA, E. M.; CARNEIRO, C. R. Between stuttered speech and the effect of speech in stuttering. In: IPRA INTERNATIONAL CONGRESS, X, 2007, Gotemburgo. *International Pragmatics Conference Abstracts*. Gotemburgo, Suécia: International Pragmatics Association, 2007. p. 189.